

TUDO TERMINA NO DESENHO!?! - NOTAS SOBRE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS*

DOES EVERYTHING ENDS IN THE DRAWINGS!?! - NOTES ON A RESEARCH WITH CHILDREN'S

Edith Maria Batista Ferreira 1

Resumo: O grafismo é uma das linguagens mais antigas da humanidade. Apesar disso, é um campo que se apresenta como fértil, devido à escassa produção, sobretudo quando se refere ao desenho infantil. Este artigo objetiva compartilhar as reflexões feitas sobre o desenho como linguagem, fonte documental e artefato cultural, a partir das inquietações sentidas na relação com as crianças em espaço educativo virtual. Trata de uma pesquisa qualitativa e para a sua realização utilizou-se a observação participante em uma turma do Infantil II, em contexto remoto, durante o primeiro semestre do ano de 2021, período de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19. Os resultados apontaram o desenho como linguagem e produto humano, fabricado pela criança, tecido em uma teia de significações que traz informações sobre a cultura do seu criador, situado em um tempo e espaço. Documenta e guarda memórias, conhecimentos sobre diversos contextos sociais e culturais, evidenciando um olhar singular sobre o mundo.

Palavras-chave: Desenho Infantil. Linguagem. Artefato Cultural. Fonte Documental.

Abstract: The graphism is one of the oldest languages of humanity. Despite this, it is a field that presents itself as fertile, due to the lack of production, especially when it comes to children's drawing. This article aims to share the reflections made on drawing as language, documentary source and cultural artifact, from the concerns felt in the relationship with children in a virtual educational space. This is a qualitative research and for its realization, participant observation was used in a class of Infantil II, in a remote context, during the first semester of 2021, Period of social distancing as a result of the Covid-19 pandemic. The results pointed out the drawing as language and a human product, manufactured by the child, woven into a web of meanings that brings information about the culture of its creator, settled in time and space. Documents and keeps memories, knowledge about various social and cultural contexts, evidencing a singular look at the world.

Keywords: Children's Drawing. Language. Cultural Artifact. Documentary Source.

*A autora agradece a Karla Rafaelle Azevedo Lemonje, graduada em Pedagogia (UFMA), pelas valiosas contribuições no desenvolvimento deste trabalho.

1 Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Geintepira - Grupo de Estudos da Infância: Teoria e Prática da UNESP/ Marília. Coordenadora do Projeto de Extensão Entrelinhas (UFMA). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas "O Ensino da Leitura e da Escrita como Processos Dialógicos" (Glepdial/UFMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9053574848914591>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7816-8776>. E-mail: edith.maria@ufma.br

Introdução

Este trabalho se insere no movimento junto àqueles que se interessam em desenvolver estudos e pesquisas com e sobre crianças, dispondo-se a lançar o olhar sobre os desenhos como resultados das complexas relações sociais, históricas, culturais e econômicas experienciadas por seus criadores. Soma-se, portanto, a outros estudos (GOBBI, 1997; 2012; 2014; 2022; SARMENTO, 2011; DERDYK, 2015; 2020) que se dedicam a compreender o desenho como linguagem, artefato cultural e fonte documental, propiciando o respeito e conhecimento da lógica de construção das culturas infantis.

O desenho é uma linguagem que atravessa os tempos históricos. Apesar disso, é um campo que se apresenta como fértil para pesquisa, devido à escassa produção, sobretudo quando se refere ao desenho infantil (IAVELBERG, 2017).

Como afirma a autora supracitada, “o desenho da criança merece ser estudado” (IAVELBERG, 2017, p. 11). Por esse motivo, nos interessou pesquisá-lo. A motivação para investigarmos esse tema decorreu da experiência do Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, do curso de Pedagogia de uma universidade pública, oferecido remotamente, no primeiro semestre de 2021, a uma turma de crianças de cinco anos, de uma Unidade de Educação Básica (UEB) do município de São Luís-MA, vivido por uma das autoras.

A pandemia da Covid-19 impôs a necessidade de isolamento social, por tempo indeterminado, na tentativa de minimizar a disseminação do vírus e reduzir o número de óbitos. Assim, trouxe como efeito o agravamento das desigualdades sociais e a suspensão das atividades educacionais presenciais. Como estratégia para mitigar as perdas da interrupção dos serviços educacionais, o Parecer CNE/CP n. 5/2020 (BRASIL, 2020) orientou a reorganização do calendário escolar e o uso de atividades não presenciais, sugerindo que os estabelecimentos de Educação Infantil elaborassem orientações ou sugestões de atividades de cunho educativo, para que as famílias pudessem desenvolvê-las com as crianças, em suas residências, enquanto persistisse a suspensão do atendimento presencial.

Para atender à solicitação, em decorrência da precariedade do acesso às tecnologias digitais por parte da população, uma das possibilidades para manter a continuidade dos vínculos com as crianças e suas famílias foi a constituição dos grupos de whatsapp. Esse dispositivo digital foi assumindo contornos de “espaço educativo”, apesar de toda crítica existente ao trabalho na Educação Infantil em contexto remoto (CORREIA et al., 2022).

Acompanhar o processo pedagógico vivido em uma turma virtual, por meio do dispositivo digital whatsapp, foi um grande desafio, sobretudo no que se refere às interações com as crianças, eixo que evidencia uma das especificidades dessa etapa da educação básica. As interações entre criança-criança e criança-professora ficaram profundamente comprometidas, haja vista que o uso do dispositivo digital só era possível mediado pelo adulto responsável que, na maioria das vezes, assumia a interlocução no grupo. Assim, durante os meses de março a julho de 2021, estivemos junto de 18 crianças, professoras e familiares em um ambiente virtual, para cumprimento do componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia, o Estágio Supervisionado.

Permanecemos imersas diariamente nesse espaço educativo virtual, acompanhando as ações das professoras que buscavam dar continuidade às atividades que foram bruscamente interrompidas pela pandemia. Ao longo desse período, foi-nos possível observar que a maioria das propostas de intervenção realizadas com/pelas crianças terminava com a solicitação de um desenho, que era compartilhado pelos familiares em formato fotográfico no grupo do whatsapp. Todavia, a ideia de desenhar estava ancorada no “conteúdo ensinado”, vinculado permanentemente às datas comemorativas, com o propósito evidente de verificar se as crianças estavam atendendo ao que fora solicitado pelas professoras. O suporte utilizado para dar vazão à expressão das crianças era sempre o papel A4 e lápis de colorir.

Esse contexto foi nos inquietando, levando-nos a investigar o desenho: Tudo tem sempre que terminar com um desenho em folha A4? Qual a sua significância para o trabalho com as crianças pequenas? Como potencializar sua presença na Educação Infantil, visto que é algo tão usual nesta etapa da educação básica? Como as professoras da pré-escola compreendem essa

linguagem? Essas questões constituíram-se orientadoras do percurso de pesquisa empreendido, por uma das autoras (LEMONJE, 2022), para finalização do curso de graduação em Pedagogia, da qual compartilhamos a síntese teórica elaborada sobre o desenho na Educação Infantil.

Assim, a pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa (LÜDKE, 1986) e utilizamos como instrumentos de geração de dados a observação participante em contexto remoto, com registro das percepções no Diário de Campo. O percurso metodológico desta investigação iniciou-se com a revisão de literatura, para a qual inventariamos artigos, ensaios e publicações que tratavam sobre desenho infantil e seu ensino, com o propósito de ampliar nossa compreensão sobre este universo. Este mapeamento possibilitou a definição do foco central do processo investigativo.

Concomitante à revisão de literatura, iniciamos a pesquisa empírica, em abril de 2021, de maneira remota, pois ainda estávamos sobre os cuidados do afastamento social exigido pelo contexto pandêmico. Após encerrarmos o Estágio Supervisionado, passamos a olhar para essa experiência com distanciamento, interrogando o processo vivido, retomando as anotações no Diário de Campo e as postagens feitas no grupo do whatsapp.

Fruto desse movimento investigativo, este artigo objetiva compartilhar as reflexões feitas sobre o desenho como linguagem, fonte documental e artefato cultural, a partir das inquietações sentidas na relação com as crianças em espaço educativo virtual.

Compreendemos que a relevância desta pesquisa está em contribuir para desnaturalizar o desenho na Educação Infantil e para o rompimento de práticas automatizadas relacionadas ao seu uso cotidiano, o que invisibiliza as crianças, seus contextos e suas histórias.

O desenho na Educação Infantil: linguagem, artefato cultural e fonte documental

O desenho é considerado uma das formas mais antigas de comunicação humana. Desde os tempos remotos, essa ferramenta gráfica é usada com eficiência para a comunicação e o registro de fatos ocorridos (BORBA et al., 2010).

Na infância, essa manifestação expressiva é muito corrente. Conforme Derdyk (2015), essa forma de grafismo infantil remonta a tempo longínquos e sempre esteve presente na história da civilização. Trata-se de uma linguagem que toda criança possui em qualquer lugar ou tempo. As crianças possuem relação íntima com o desenho, que passa a ser uma fonte de expressão, investigação e comunicação de si com o mundo que a cerca. É natural a aproximação destas com o ato de desenhar e aquilo que almejam expressar provenientes de seu desejo ou pensamento.

No que se refere à relevância do desenho no desenvolvimento infantil, Bertasi e Carvalho (2020) argumentam que o ato de desenhar surge na infância, sendo uma importante linguagem através da qual as crianças conseguem expressar sua forma de imaginar, olhar, sentir e pensar acerca do mundo e dos elementos à sua volta. Durante a criação do desenho, elas fantasiam, relembram, planejam e narram, traduzindo conceitos históricos, culturais e sociais, que demarcam seu ponto de vista expressos em seus traçados.

Nesse sentido, o grafismo possibilita o exercício da linguagem e a representação da realidade e da imaginação da criança. Além de desenvolver a criatividade e autonomia, aumenta a bagagem cultural e a capacidade de socialização. Através do desenho, a criança deixa seu imaginário falar e desvenda aspectos relacionados à sua personalidade, vida familiar e social (POSSA; VARGAS, 2014).

A importância do desenho para as crianças é fundamentada pelos benefícios que essa manifestação traz ao cotidiano infantil. Nesse sentido, o ato de desenhar tende a impulsionar outras formas de manifestação que abrem os caminhos em um denominado “quintal imaginário” (DERDYK, 2020, p.46).

Podemos dizer então que, “ao desenhar, brinca-se com a forma de pensar, se comunicar e de estar presente no mundo” (BARBIERE, 2012, p. 85). Frente a este fato, identificamos que o desenho parte de uma produção do ato de sentir, pensar e agir, que envolve a gênese do pensamento e criatividade. Por meio da criação, a criança busca conhecimento de si próprio e do mundo que a envolve.

Desse modo, o desenho é essencial para a vida infantil, tendo em vista que reúne, de

forma abrangente, os elementos que atribuem significados e novas formas de pensar diante de experiências (MONTEIRO; CARVALHO, 2011).

Por longos anos, a compreensão do desenho da criança, correlacionado à mera exposição de aspectos psicológicos e cognitivos infantis, se fez determinante. Diante disso, foram desconsiderados elementos sociais e culturais por parte de seus criadores infantis que, de alguma forma, estão presentes nos desenhos elaborados, visto que eles resultam de complexas relações marcadas por características sociais, históricas, culturais e econômicas de seus criadores.

Nesse sentido, adverte Sarmiento (2011, p. 30):

O imenso trabalho empírico que se encontra mobilizado na análise psicológica do desenho não permite dispensar de ânimo “leve” a existência de “regularidades” no desenho infantil e da sua correlação com fases etárias diferenciadas. Um juízo crítico, não obstante, não pode deixar de fazer o esforço de desconstrução da interpretação gradualista, descontextualizada e adultocêntrica que boa parte destes estudos contém. Com efeito, o desenho infantil é interpretado no interior de uma perspectiva que, em geral ignora a condição social e cultural de inserção das crianças, promovendo uma visão abstrata e essencialista da infância.

Neste trabalho, afirmamos que discutiremos o desenho do ponto de vista cultural, histórico e social, portanto, vendo-o como linguagem, manifestação expressiva das crianças, artefato cultural e fonte documental, fugindo aos esquemas que o aprisionam em etapas do desenvolvimento infantil, como bem enfatizou Sarmiento (2011). Essa compreensão do desenho, coaduna com a concepção de infância entendida como categoria social do tipo geracional, socialmente construída na prática social, nas interações entre crianças e entre adultos e crianças. Ela não pode, portanto, ser separada de variáveis, como classe social, gênero, pertença etária, estrutura econômica (SARMENTO, 2008). Sendo formadas em condições históricas e sociais precisas, as crianças exprimem, de modos diferenciados, como interpretam, simbolizam e comunicam suas percepções do mundo, podendo utilizar-se, para isso, dos desenhos.

Ao concebermos infância desse modo, nossa percepção sobre o desenho também se complexifica e, nesse sentido, tomamos “um posicionamento que favorece as invenções e a criatividade da infância delineados em diversos traçados” (GOBBI, 2014, p. 149), ajudando-nos a perceber e significar a própria infância.

Isto porque, ao negligenciar os aspectos sociais e culturais da criação do desenho, quando apenas nos preocupamos em enquadrá-lo em determinada etapa da evolução do grafismo infantil, negligenciamos, sobretudo, a classe social, raça e origem da criança.

Em contraposição, ao vermos os traçados das crianças como discursos autorizados, estas passam a ocupar outro lugar na sociedade, podendo substituir ou questionar as histórias ou culturas tidas como oficiais advindas apenas da percepção do adulto. Ao compreender essa outra maneira de a criança falar e representar a sociedade por meio do desenho, questionamos a perspectiva adultocentrada, mudamos o ângulo de compreensão de criança e a visão do mundo, tirando-a do anonimato, diante de suas narrativas e sua lógica (GOBBI, 2014).

Sendo assim, os desenhos criados pelas crianças são artefato cultural e fonte documental, pois permitem-nos compreender os elementos da sociedade em geral, que por vezes envolvem tipos específicos de interpretação e atuação dos seus criadores, baseados também em suas capacidades inventivas. Eles mostram e registram diferentes aspectos do seu cotidiano de uma forma singular e criativa, e por meio de temas, cores, uso de diferentes materiais, organização espacial dos desenhos, evidenciam até mesmo a forma de compreender ou explicar os diferentes cenários em que estão inseridas, ou como eles colaboram para sua identidade cultural. Mesmo não tendo sido criados com a intenção de se constituírem documento, não estão privados de seu peso histórico, nem impedidos de registrar e preservar memórias de infância e sua compreensão de diferentes contextos sociais e culturais (GOBBI, 2014).

Desse modo, fica claro que entender o desenho como artefato cultural e fonte documental é percebê-lo como produto humano, objeto fabricado pelo homem (criança), tecido em uma teia de

significações, que traz informações sobre a cultura do seu criador, situado em um tempo e espaço. Portanto, é muito mais do que simplesmente emoldurá-lo em um conjunto de características fixas, estereotipadas, que negligenciam as próprias crianças e impõem à infância o anonimato.

Para Gobbi (2014), desenhar é tratar, em forma de exercício, variáveis do cotidiano por meio de descobertas e invenções, ensejando formas de ver, elaborar e apropriar-se das coisas, materializando o que é visualizado em todos os sentidos.

Visto desse modo, o desenho possibilita conhecer a criança diante daquilo que realmente é e daquilo sobre o que as outras crianças ao seu redor são e como se relacionam com o meio, justificando sua correlação como artefato cultural e fonte documental, pois eles “documentam e guardam memórias de infância e seus conhecimentos sobre diversos contextos sociais e culturais” (GOBBI, 2014, p. 154). Por isso, devem ser criadas dinâmicas envolvendo o ato de desenhar, estimulando o traçado infantil que auxilie na observação da concepção histórica da própria criação de quem o desenha, problematizando-a diante de narrativas culturais estimuladas na infância, vivenciadas em seu cotidiano com outras crianças e pessoas de faixas etárias diferentes, que auxiliam na elaboração e construção de sua cultura (BORBA et al., 2010).

Confirmar, pois, os desenhos como fonte documental não significa simplesmente datá-los, mas compreendê-los em diferentes ambientes de produção, que são dinâmicos, curiosos e contraditórios. Uma cena se desenrola diante de nós como uma pista a seguir. Nessa perspectiva, o desenho é visto como fonte de documentos, dados, elementos de época e, por vezes, de passado, permitindo-nos compreender melhor o presente e, para isso, devem ser contextualizados (GOBBI, 2012).

Ao tratar os desenhos infantis como documentos históricos, conseguimos dar-lhes o peso e a importância das fontes documentais, uma vez que, além de proporcionar aos adultos oportunidades de aprender mais sobre a infância, também apoiam a construção de visões mais detalhadas e práticas de reflexão sobre as relações sociais e como as crianças organizam sua percepção de mundo. É um questionamento da narrativa cultural criada pelas crianças na infância, incluindo a imaginação e outros elementos de suas vidas.

Ademais, o desenho como documento encontrará ressonância na busca de formas de ampliar os objetos de análise infantil na perspectiva do diálogo com outros campos teóricos, apresentando-os às crianças, o que lhes propicia compreender suas possibilidades para si mesmas, levando-nos a aprofundar a atenção às diferentes infâncias construídas socialmente diante de sua pluralidade. Neste caso, o desenho é considerado uma obra de arte cultural que permite às pessoas aprender mais sobre diferentes aspectos da cultura infantil, que não deve ser visto como uma cópia da realidade, mas como uma percepção desta e suas infinitas possibilidades de interpretação.

Além de ser compreendido como artefato cultural e fonte documental, o desenho é, sobretudo, linguagem expressiva. Quando se trata de desenho, não se refere à realidade representativa das coisas, objetos ou pessoas, como já enfatizamos, mas sim da forma como a criança consegue enxergar o mundo, permitindo revelar seus pensamentos, sentimentos, ideias e principalmente a sua concepção de mundo. Os desenhos permitem a sustentação da tentativa da criança de codificar o mundo no qual ela se encontra, concretizando seus pensamentos abstratos.

Nessa perspectiva, Staccioli (2011, p. 25) define os desenhos das crianças como “pensamentos visuais”, isto é, são elaborações das crianças e não mera representação da realidade. Gobbi (2022), por sua vez, os denomina como “metáforas visuais”. Eles permitem enxergar o invisível do pensamento por meio de imagens gráficas, tornando-se assim visível, ajudando entrar na mente do criador que nos apresenta formas de ver e estar no mundo, entrelaçando a dimensão histórica e poética.

Sendo assim, o desenho é um processo criativo articulado principalmente por meio da sensibilidade. No que tange às crianças, essa capacidade de se expressar faz com que as sensações e fatos ao seu redor se materializem em forma de desenho, ou seja, o desenho surge como um meio de relato da realidade a partir da percepção infantil, é uma narrativa.

Almeida (2003) também destaca a importância do desenho para a percepção infantil do mundo ao seu redor. Para a autora, as crianças percebem que o desenho é uma forma de dizer coisas, ao representar a realidade observada, ampliando assim o leque de conhecimentos e domínio, influenciando o meio.

De acordo com Sarmiento (2011), os desenhos podem ser considerados descrição cultural na forma comunicativa da expressão visual. Os traçados e as formas do desenho ativam processos de representatividade do mundo, filtrados por códigos culturais, que se espelham e materializam-se historicamente e cognitivamente por meio da materialização gráfica. Esses códigos são subjetivos e expressam emoções e ideias por meio do grafismo e da plasticidade, sobrepondo-se à ideia de que são simplesmente belas expressões de representatividade do mundo exterior. A criança não procura simplesmente representar o mundo exterior no desenho, mas sim inscrever o real de sua representação interpretável por si próprio, conforme sua visão de mundo.

Justamente por esses artefatos subjetivos inerentes ao processo de criação, todo desenho é singular e irrepetível, diante da articulação simbólica de múltiplos códigos graficamente interpretados e realizados pelo potencial criativo da criança.

Ao tratar o desenho como múltiplos códigos culturais, devemos levar em consideração que as crianças não reproduzem de forma linear as formas percebidas nesses ambientes sociais. As formas plásticas criadas no desenho são próprias, conforme sua interpretação, ressignificação e atribuição, mediante o seu olhar singular do mundo. A interpretação do desenho como objeto simbólico à luz da cultura infantil está embasada em pilares que envolvem a cultura lúdica, a fantasia do real, a interatividade e a reintegração. Todos esses elementos formam o desenho da criança e o compreendem como um artefato cultural que demandam olhar antropológico e autenticidade de compreender as diferenças (SARMENTO, 2011).

Sendo assim, o desenho é parte integrante da criação, é o modo de visualizar, é o ato de fazer e criar na linguagem artística, proporciona o prazer da visão e do movimento, permite o criador dialogar entre os traços e as imagens, transmitir informações e orientar a ação. As crianças adoram desenhar em grupo, compartilhar apoio, comunicar ideias que criam em suas mentes, aproximar-se umas das outras, e, quanto mais desenhavam, mais possibilidades descobriam, transformam o desenho em um jogo de imaginação. Eles estudam ideias, observam as coisas ao seu redor, pensam e refletem sobre o mundo.

Como vemos, os desenhos na fase da infância traduzem pensamentos, modos de sentir, ver e estar no mundo. Para Gobbi (2014), existe um universo na ponta do lápis e o ato de desenhar permite à criança aprender, em um processo de apropriação do que vemos lá fora para o que conhecemos por dentro. Ademais, evidenciam que as crianças têm a capacidade de construir sua própria cultura por meio de sua habilidade inventora.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compartilhar as reflexões feitas sobre o desenho infantil como linguagem, fonte documental e artefato cultural, a partir das inquietações sentidas na relação com as crianças em espaço educativo virtual, durante o período de isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19.

Estar com as crianças no espaço educativo virtual evidenciou a existência de um problema que se mantém ao longo dos tempos: os desenhos infantis são negligenciados como expressões da criança e de sua infância. Solicitados, no contexto observado, com o propósito de comprovar a realização das atividades pedidas às crianças, eles não eram compreendidos como originários de relações complexas que dependem das características sociais, históricas, culturais e econômicas de seus criadores.

Assim, cotidianamente os desenhos eram postados no grupo do whatsapp, sem, contudo, provocar qualquer consideração ao que expressavam. Essa prática contribuía para a manutenção da invisibilidade das crianças e de sua forma de compreender o mundo, favorecendo o anonimato e destituindo a autonomia desses sujeitos. Ademais, solicitar que todas as propostas de atividades sempre se materializassem na folha A4 nos fez pensar, com base em Martins Filho e Martins Filho (2020), que as experiências vividas pelas crianças não cabem em uma folha A4, uma vez que a riqueza delas se apresenta no compartilhamento e nas interações estabelecidas pelas pessoas, o que pareceu ficar de fora do fazer docente da prática investigada.

Diante disso, percebemos o quanto há necessidade de investimento em processos formativos

mais autorais dos docentes e que considerem a potência dessa manifestação expressiva das crianças e desse registro que documenta os processos vividos por elas e sua maneira de perceber os acontecimentos do/no mundo. Essa formação precisa tencionar a naturalização do desenho como prática pedagógica na Educação Infantil.

Sobre a formação docente, Derdyk (2020) defende que ela deve considerar a vivência da linguagem gráfica pelo professor, que precisa viver com o próprio corpo a experiência do desenho, o que é possível, entre outras formas, por meio do trabalho com a arte. No entanto, as artes há muito estão excluídas da formação de professores de Educação Infantil, mesmo sendo uma exigência preconizada pelos documentos legais desse campo. Sobre esse assunto, Ostetto e Silva (2018) afirmam que existe uma escassez de arte na esfera curricular do curso de Pedagogia, embora as propostas pedagógicas para a Educação Infantil façam essa exigência.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) apontam a necessidade de o professor aprofundar-se na cultura e arte, no entanto, as agências formadoras ainda não incorporaram efetivamente esse aspecto. As diretrizes, que abrangem a formação inicial e continuada de professores da educação básica, recomendam também que os programas de formação se concentrem na “diversidade social contextual, ética, estética e racial, de gênero, sexual, religiosa, intergeracional e sociocultural como princípios de equidade” (BRASIL, 2015, p. 9). Questionamo-nos: Como dar conta das questões estéticas, expressivas, se falta arte na formação inicial do/a professor/a? Se, historicamente a arte, como campo de conhecimento, foi secundarizado na esfera educacional?

Sem dúvidas, a formação estética é fundamental para a vida e a docência, pois contribui para dilatar a sensibilidade, colabora com a ampliação das possibilidades de interpretação e de atuação no mundo, na sociedade, na escola (OSTETTO; FOLQUE, 2021). A garantia de espaços e tempos de criação, interação e experimentação com diferentes materialidades, que convocam os sentidos e o corpo inteiro, é um direito do professor da infância e precisam ser oportunizados pelas instituições formadoras. Acreditamos que, experimentando a linguagem do desenho, o educador terá possibilidade de permitir outros encontros às crianças por meio dessa linguagem.

Desse modo, quando há entendimento, por parte do professor, acerca da relevância do desenho para o desenvolvimento infantil, práticas estéreis, que silenciam as vozes das crianças, são ressignificadas, sendo criados potentes espaços para sua vivência e oferecidas ricas oportunidades para investigar e conhecer o cotidiano e a maneira como ele é compreendido e organizado para/com elas.

Assim, novas atitudes são tomadas em relação aos desenhos. Estes passam a ser estudados pelos professores, que assumem uma postura questionadora: O que está guardado nos desenhos infantis? O que eles revelam sobre as crianças e seus modos de ser e estar no mundo? Essas perguntas só serão respondidas se o professor se colocar em relação com as crianças, for cúmplice desse movimento de criação. Nesse sentido, interessa muito mais o processo e as trocas que se estabelecem entre os sujeitos, do que o produto.

Para isso, é fundamental uma escuta sensível às crianças. “Escuta é presença, vínculo, conexão, respeito. Mergulho no mundo do outro: não só em sua fala, mas no olhar, no gesto, no tom, nas emoções alheias que podem nos tocar. Escutar é estar plenamente presente” (FRIEDMANN, 2020, p. 131). Nesse sentido, a escuta não se circunscreve a um tempo e espaço delimitado, mas é atitude, um estado de presença.

Estar com a criança enquanto ela cria seu desenho, para que se possa oferecer cuidado e acolhimento diante do ato criativo dela, é uma atitude docente fundamental. Para Gobbi (2014, p.158), “a professora, adulta portanto, não é uma forasteira e estranha àquilo que acontece, mas alguém que deve compartilhar o momento e processos nele implicados [...]”.

Ao se fazer presente, o professor não se coloca no lugar de quem interpreta ou avalia o desenho da criança, mas se permite ouvir as narrativas construídas sobre os pensamentos visuais elaborados. Nesse momento, ele dialoga e tem acesso às particularidades existentes na expressão plástica infantil.

Diante do exposto, fica evidente o quanto as crianças precisam de oportunidades para desenvolver suas habilidades expressivas, e para isso é necessário combater a utilização de desenhos xerocopiados tão presentes no cotidiano infantil, devendo-se estimular o desenvolvimento, a percepção aguçada e a criatividade delas por meio de ricas experiências estéticas. Cabe ao educador

auxiliar a criança, permitindo-lhe experimentar materiais que propiciem condições para o ato de expressar-se e produzir cultura.

O desenho considerado uma significativa forma de expressão infantil e, no contexto desta pesquisa, concebido também como um artefato cultural e fonte documental, nos permitiu conhecer um pouco mais sobre os diferentes aspectos das culturas infantis e sobre as crianças, bem como as implicações destes conhecimentos para a prática docente, pois nos possibilitou realizar interpretações sobre o universo infantil e as manifestações expressivas das crianças.

Por fim, cabe evidenciar que a maneira como nos relacionamos com o desenho infantil não é neutra, ela revela a concepção que se tem daquele que o criou e dessa linguagem, que se expressa no modo como organizamos o trabalho com o desenho e o tratamento que damos às produções infantis.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

BARBIERE, Stela. **Interações: onde está arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BERTASI, Andressa Thaís Favero; CARVALHO, Rodrigo Saballa. As produções gráfico-plásticas das crianças. In: CUNHA, Suzana; CARVALHO, Rodrigo. **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2020, p. 93-108.

BORBA, Ângela Meyer et al. **Desenho, imaginação e culturas da infância**. SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS, 2., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, set. 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer n.º 20. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: DF, 2009.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015**. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>. Acesso em: 17 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5**, de 28 de março de 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 10 dez. 2022.

CORREIA, Joelma Reis et al. O rei está nu: as “vergonhas” da educação infantil expostas na pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.12, p. 77480-77505, dec., 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/55073/40608>. Acesso em: 05 jan. 2022.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Diálogos, 2020.

DERDIK, Edith. **PALAVRA DE EDITH DERDYK: o desenho do gesto e dos traços sensíveis**. [Entrevista cedida a Tempo de Creche]. Site Tempo de Creche, 06/11/2015. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

GOBBI, Márcia Aparecida. A pesquisa e o traço: o ato de desenhar e os desenhos como recursos metodológicos em pesquisas com e sobre crianças. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; SANTOS, Solange Estanislau dos; SOUZA, Ellen de Lima; TAVARES, Maria Janailma Barbosa da Silva [Orgs.]. **Infância(s) e Educação Infantil**: pesquisas, docências e pedagogias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 45-65.

GOBBI, Márcia. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 135-147, jan./mar. Editora UFPR, 2012.

GOBBI, Márcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.

GOBBI, Marcia Aparecida. **Lápis vermelho é de mulherzinha**: desenho infantil, relações de gênero e Educação Infantil. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

LEMONJE, Karla Rafaelle Azevedo. **O desenho na educação infantil**: o que pensam professoras da pré-escola sobre ele? São Luís: UFMA, 2022.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas | Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. - São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José. Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência: nas rotinas um tempo acelerado, na vida diária experiências desperdiçadas. **Revista de Estudos Curriculares**, nº 11, vol. 2, 2020. Disponível em: <https://www.nonio.uminho.pt/rec/index.php?journal=rec&page=article&op=view&path%5B%5D=108&path%5B%5D=74>. Acesso em: 05 nov. 2022.

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo; CARVALHO, Levindo Diniz. As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças: culturas infantis e produção simbólica. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 6, n. 3, p. 632-657, set./dez. 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas, necessidades e desejos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v.15, n.41, 2018, p. 260-287.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; FOLQUE, Maria da Assunção. Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75592, 2021.

POSSA, Karine; VARGAS, Alessandra Cardoso. O desenho na Educação Infantil. Linguagem e expressão da subjetividade. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 19 - Nº 193 - Junio de 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias. Das pesquisas com crianças: à complexidade da infância. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 27-60.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In Sarmento, Manuel Jacinto e Gouvêa, Maria Cristina Soares de (org.) (2008). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes, 17-39. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/simposios/sociologiainfanzia/T1%20Sociologia%20da%20Inf%20E2ncia%20Correntes%20e%20Conflu%EAncias.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 21-37, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/8HgGm9Ryp3Bd4DmtrZISyhg/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2022.

Recebido em 06 de dezembro de 2022.

Aceito em 16 de janeiro de 2023.